

“Ser-tão home”: a ambigüidade masculina em *Grande sertão: veredas*

*Adilson Schultz**

RESUMO

A literatura é potente porta-voz e agenciadora do masculino e de relações de gênero. Ao lidar com personagens ficcionais, cria um campo de liberdade e criatividade que as relações reais não permitem. A obra de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, tem uma das mais instigantes relações entre homens, a de Riobaldo e Diadorim. O amor entre os dois coloca em xeque as dicotomizações nos papéis de gênero, iluminando o campo de estudos da masculinidade. A ambigüidade que marca todo o livro serve como marco teórico para o debate do masculino e das relações de gênero. *Palavras-chave:* Masculinidade; Ambigüidade; Literatura; João Guimarães Rosa.

“Ser-tão home”: male ambiguity in *Grande sertão: veredas*

ABSTRACT

Literature is a powerful voice and agency of the masculine and of gender relations. Dealing with fictional characters, it creates a field of freedom and creativity that real relations do not permit. The masterpiece of João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, shows one of the most instigating relations among men, that of Riobaldo and Diadorim. The love between these two keeps

* Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (RS), pastor luterano em Belo Horizonte - IECLB, pesquisador do Núcleo de Pesquisa de Gênero e do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo - IEPG/EST. E-mail: adilson@luteranos.com.br.

in check the dichotomizations in gender roles, illuminating the field of studies in masculinity. The ambiguity that marks the whole book serves as a theoretical landmark for the debate of the masculine and gender relations.

Keywords: Masculinity; Ambiguity; Literature; João Guimarães Rosa.

“Ser-tão home”: la ambigüedad masculina en *Grande sertão: veredas*

RESUMEN

La literatura es portavoz y generador de lo masculino y de las relaciones de clase. Al ocuparse de los personajes de ficción, ella crea un campo de libertad y creatividad que las relaciones verdaderas no permiten. La ejecución de João Guimarães Rosa, “Grande Sertão: veredas”, tiene una de las más instigantes relaciones entre los hombres, la de Riobaldo y de Diadorim. El amor entre los dos, coloca en cruce las dicotomizaciones en los papeles de género, iluminando el campo de los estudios de masculinidad. La ambigüedad que marca todo el libro sirve como marco teórico para la discusión de lo masculino y las relaciones de clase.

Palabras clave: Masculinidad; Ambigüedad; Literatura; João Guimarães Rosa.

1. A força da literatura no estudo das relações de gênero e masculinidade

Em 2006 comemora-se o cinquentenário da maior obra da literatura brasileira, *Grande sertão: veredas*. Uma das obras mais estudadas e referenciadas no âmbito acadêmico, o livro de João Guimarães Rosa lança luzes e debate também a questão da masculinidade e das relações de gênero.

A literatura é potente matriz de masculinidades e relações de gênero, tanto de modelos sexistas quanto libertadores. Ao apresentar homens de diferentes épocas e contextos, com experiências tanto dolorosas e opressivas quanto libertadoras e

afáveis, ela dá impulsos importantes no debate das relações de gênero. Devido à liberdade ficcional, os discursos literários são mais facilmente assimilados e, ao mesmo tempo, são mais representativos, visto serem construídos a partir de *tipos ideais*. Ao utilizar recursos de linguagem que conjugam intelecto, afeto e imaginação, ampliando os discursos para outras zonas que não a mera intelectualidade, a literatura abre o leque de aproximações teóricas ao tema masculinidade. Enquanto narrativa sobre homens, suas idéias e relações, ela fornece modelos que se constituem enquanto reflexão sobre diferentes dimensões da condição masculina.

A literatura reivindica um novo lugar para o homem enquanto sujeito. Segundo Magalhães (2000, p. 117-118), ela mantém

um compromisso com a realidade, suas contradições e aspirações, e ao mesmo tempo em que, ao estabelecer com ela uma leitura ficcional mediante vozes ficcionais, (...) distancia-se, mantém sua alteridade ao mesmo tempo em que reconstrói e aviva os símbolos e mitos da realidade apresentada. (...) A literatura não está centralmente interessada em explicar o lugar do sujeito no mundo, o papel que ele deve ou não assumir, mas em compreendê-lo dentro da amálgama de relações, nas suas potencialidades.

A literatura privilegia a reflexão qualitativa e profunda sobre o ser humano. Mais do que estruturas da realidade, ela lança luzes sobre a realidade humana vivida e sentida. Trabalha com relações complexas entre personagens e vai fundo na alma das pessoas. No caso de *Grande sertão: veredas*, vai no fundo da alma masculina e de suas ambigüidades, revelando-se enquanto obra que pensa a masculinidade e suas relações.

2. A ambigüidade como problema em *Grande sertão: veredas*

O Riobaldo *urutu branco*, ex-jagunço do sertão, conta sua história para um senhor letrado, referindo as andanças de seu bando pelo sertão. Entre lutas, mortes, traições, fé, dúvidas e paixões, vive o drama de fazer ou não um pacto com o diabo, visando tornar-se mais forte e corajoso – mais homem! Uma vez forjado o

pacto, fica mais forte e corajoso, mas aí encontra a danação: no combate final, antes de abandonar o cangaço, perde a pessoa que mais amava, Diadorim, seu fiel companheiro, seu grande amor.

O enredo do livro mostra a constituição da vida, do divino e do mundo como essencialmente ambíguas. Ao mesmo tempo em que mostra as vicissitudes e os desafios desta vida na ambigüidade, oferece também formas de articular e potencializar esta ambigüidade.

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro - dá gosto! (15).¹

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo! - só estava entretido na idéias dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do quem em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso"? (26).

A ambigüidade está expressa já no título da obra, no *grande sertão* significando ou misturando-se com as *veredas*. Estas é que definem aquele. Veredas são caminhos sinuosos, também atalhos, ou então refrescos de água no meio do sertão. O próprio sertão, expressão da confusão e domínio da ameaça e do caos, aparentemente define-se e organiza-se nas veredas, os caminhos possíveis de organização desse caos.

Vários nomes de personagens e lugares do livro são construídos num sentido ambíguo: Hermógenes, o nome da encarnação do diabo, chefe do bando de jagunços inimigo, lembra o deus grego Hermes, o criador do alfabeto, da linguagem, da fala. Riobaldo compõe-se de *rio* + *baldear* =

¹ Os números entre parêntesis depois de citações são referência ao número da página de *Grande sertão: veredas* (35a. reimpressão – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986).

atravessar, baldear o rio. Diadorim remete a uma conjugação ambígua da transcendência: Dia = diabo; Deo = Deus; dorim = presente, dom (de Deus ou do diabo?).

A estrutura narrativa do livro também é ambígua: há um constante vai-e-vem nos acontecimentos. Não há disposição cronológica regular. O próprio tempo é ambíguo: “tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data” (78). “Só aos poucos que o escuro é claro” (147). Metaforicamente o autor está construindo os caminhos do jagunço, que vai por rumos confusos, por veredas. Além disto, o enredo é repleto de pequenas narrativas que por si só comporiam um enredo; como se o autor quisesse mostrar que as coisas não têm um meio e fim bem definidos. Uma coisa pode estar sempre dentro da outra. As personagens são todas ambíguas: de repente, os chefes do bando são fracos e os jagunços subalternos ficam fortes. Diadorim, mulher, é muito mais forte do que Riobaldo – é ela é quem vai enfrentar “o demônio no meio do redemoinho” no final da narrativa.

Deus e o diabo são a mais pura ambigüidade. Ela está personificada em Diadorim, esse presente que Riobaldo recebera de Deus. Já menino, na beira do rio, Diadorim lhe estende a mão para entrar numa canoa, para atravessar o rio; e vai estendê-la de novo em outros momentos de medo de Riobaldo (80-82). Pode-se dizer que naquela ocasião o Dom de Deus = Diadorim estava sob sua máscara, porque de repente ela se torna o diabo... Diadorim é mulher escondida sob o homem – o diabo camuflado de Deus? Riobaldo parece convencido de que a revelação de Deus tem duas graças: Deo-dorina e Dia-dorim, Deus e diabo. Ambigüidade ao extremo. Os dois estão muito próximos, são íntimos; o mal e o bem se confundem, aparecendo muitas vezes na mesma situação. Mas é o diabo que mistura, que torna ambíguo: “arre, ele está misturado em tudo” (12). “Deus é paciência. O contrário, é o diabo” (16).

3. A ambigüidade como solução em *Grande sertão: veredas*

Qual é o real tormento de Riobaldo? Justamente a ambigüidade. No *grande sertão* tudo “é e não é”

(12). A síntese desta ambigüidade é Diadorim, uma mulher travestida de homem-jagunço que ama Riobaldo e por quem Riobaldo sente desejos. Riobaldo se angustia com isso; afinal, um jagunço não pode morrer de amores por um homem! Num jogo de ocultamento constante, Riobaldo e Diadorim passam toda a história reprimindo seus desejos amorosos para não sucumbir à relação homossexual, até que no final da história Diadorim se revela mulher. A sua morte mata também o jagunço-Riobaldo, que viverá angustiado por não ter evitado a morte de sua amada.

Para superar a ambigüidade ele tenta o pacto com o diabo; para que a vida tomasse um rumo certo e seja superada a ambigüidade. O diabo é o senhor das coisas retas e certeiras! Riobaldo está atormentado por ter vendido a alma ao diabo? Ou será pela impossibilidade de definir se a alma pode pertencer ao diabo? Ou então pela tentativa de tomar/comprar a alma das mãos do diabo e devolvê-la para Deus? “Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível” (22). No fundo, o desejo de superar a ambigüidade da vida. *Grande sertão: veredas* é uma confissão em busca de remissão.

Por outro lado, uma leitura atenta deixa entrever que Riobaldo tenta convencer seu interlocutor letrado de que a luta é inglória: não há como superar a ambigüidade! Sua vida é a maior prova. Ele vive justamente tentando incorporar a ambigüidade na dinâmica de sua vida. Não combatê-la, mas aprender a conviver com ela. Assim é que a vida tomará um rumo. Riobaldo sintetiza o conflito, o confuso, o ambíguo.

Mas sintetiza também as possibilidades de viver dentro desta ambigüidade. Ao final da narrativa Riobaldo está convencido que viver é muito perigoso, sem dúvida, mas que a vida é assim mesmo, com Deus presente e com o diabo no meio. Querer superar e negar a ambigüidade, ir no rumo certo, único, enfrentar o diabo para acabar com a ambigüidade, acaba causando a morte de Diadorim e a desgraça de Riobaldo. E “aquí a estória se acabou. Aquí a estória acabada. Aquí a estória acaba” (454). A impossibilidade da ambigüidade termina com a vida e se encerra a narrativa.

A palavra *travessia* fecha a narrativa que tinha começado com um travessão. Numa alusão às travessias do sertão, o livro parece tratar de “uma perspectiva histórica de mudança”, no sentido de que a história nunca está terminada. Esta perspectiva da travessia está presente por todo o livro, especialmente na metáfora do rio, que contrasta com a aridez do sertão: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (62/3) O rio é símbolo do fluir permanente da vida e sua ambigüidade: “assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?” (30). A travessia é a marca da vida de Riobaldo: “Mas saímos, saímos. Subimos” (218). Num movimento de subir e descer constante Riobaldo vai tentando encontrar o fio da meada de sua vida. Vai e volta, passa por lugares lindos e ignotos. E “tentar parar esse fluir, através de uma certeza é a tarefa do diabo” (Galvão, 1972, p. 130). As coisas em seu natural são desordenadas. Deixar se levar por ele é o natural. Tentar subjugar esse movimento, a ferro e fogo de jagunço, é a perdição. Enfrentar o diabo é ordenar o mundo? Pode ser, mas aí Riobaldo perdeu Diadorim; se perdeu o Dom de Deus, que foi só uma promessa. A certeza mata!

4. Masculinidade e homossexualidade em *Grande sertão: veredas*

Para além das inúmeras inscrições que testemunham a ambigüidade do mundo, da vida, do ser humano e de suas relações, mostrando como tudo está misturado e construído de forma ambígua, a história de Riobaldo revela a ambigüidade da condição masculina: Riobaldo é um homem entre o drama de ser forte ou fraco; de mostrar-se líder ou comandado; de ser homem jagunço-forte ou assumir desejos amorosos por um Diadorim-homem. Riobaldo metaforiza a condição da masculinidade enquanto não pronta, nunca fechada, dinâmica, aberta a novas e surpreendentes possibilidades.

Detalhe fascinante da narrativa é a angústia de Riobaldo por gostar demais de Diadorim, um homem. No cangaço só há espaço público para

homem-macho-forte. Até a simples amizade com Diadorim coloca a masculinidade de Riobaldo em dúvida. Diadorim e Riobaldo eram íntimos demais, andavam muito *pegados*. Que tipo de amizade é possível entre homens? Que tipo de cumplicidade? Que tipo de desejo? Os homens alienam-se de sua condição humana ao evitar contatos íntimos com homens. Desafortunadamente, a sexualidade determina grande parte de suas relações íntimas, também com mulheres: uma amizade com uma mulher deve compulsoriamente terminar numa relação sexual – e talvez num casamento –, sob pena de o homem ser tachado de menos-homem. Se a amizade forte é com um homem, tanto pior.

O cineasta e escritor João Silvério Trevisan (2000, p. 33) defende que essa ambigüidade espelhada em *Grande Sertão* constitui-se como gênese do povo brasileiro, disseminada nas mais diversas categorias de socialização e produção brasileiras, inclusive na religião.

Quando um Thomas Mann escreve um livro complicadíssimo como *A montanha mágica* ou como *Doutor Fausto*, ele expressa a alma alemã de uma maneira absolutamente transfigurada, e dificilmente temos isso no Brasil. Qual é a transfiguração brasileira? *Grande sertão: veredas* é uma transfiguração para valer, mas uma transfiguração através da ambigüidade. Se nós, como artistas, conseguíssemos mergulhar até o último fio de cabelo na questão da ambigüidade e tirar todas as conseqüências possíveis disso, com certeza encontraríamos uma expressão estética brasileira.

Trevisan explora também a questão da ambigüidade de gênero dentro do romance. Para ele *Grande sertão: veredas* revela sobretudo as carências e os conflitos da catalogação dicotômica de gênero. Assim, dentro da dureza do sertão está a pureza do amor; uma mulher travestida de homem ama veladamente um homem-macho-jagunço com fantasias homossexuais. Diadorim é homossexual? Ela aparece travestida de homem, mas ama Riobaldo. E Riobaldo é heterossexual? É jagunço, mas sente desejo por Diadorim, um homem. E qual será a decepção de Riobaldo ao final da narrativa quando descobre que Diadorim na verdade é mulher? Ele continua amando

Diadorim enquanto homem ou passou a amar a mulher Deodorina?

A ambigüidade do *Grande sertão* é, antes de mais nada, uma ambigüidade de gênero nos personagens, e não é isolada, é a ambigüidade que ilumina todo o livro e que remete à mitologia. Mas também uma ambigüidade de linguagem, pois aquilo não é português, aquilo é o português do Guimarães Rosa. (...)

No meu livro *Devassos no paraíso*, cito Diadorim como um dos referenciais de literatura de temática homoerótica. (...) Se você pega o Macunaíma como a produção de um homossexual, o Mário de Andrade, você vai encontrar componentes de ambigüidade fundamentais na figura do Macunaíma, na abordagem de Brasil e na construção do romance. Graças a todo esse espectro de ambigüidade é que ele foi uma revolução no romance brasileiro.

(...) Analiso as possibilidades da homossexualidade João Guimarães Rosa que também aparecem por baixo do pano e não são peitadas por ninguém. Mas contam muitas histórias (...) ele próprio menciona em cartas como era um mestre da ambigüidade: "*Eu sou um diplomata, eu trabalho com a ambigüidade*" [grifo meu]. Homossexual ou não, o que houve foi que ele verteu para sua obra literária toda a abordagem da ambigüidade, concentrada no personagem do Diadorim

A ambigüidade homossexual, cultural ou religiosa tem em comum um desejo latente de repressão, de superação. Um desejo de Riobaldo passa por nós frente às ambigüidades da vida. Aos poucos, no entanto, vai se instaurando um desejo paralelo, uma compreensão de que é possível viver na ambigüidade; e que talvez é até melhor.

Por fim: qual é a real orientação sexual de Riobaldo? Ele amava Diadorim. Diadorim era homem ou mulher? Quando perde Diadorim, Riobaldo segue amando o homem-jagunço ou a nova condição de Diadorim? Riobaldo dá um nó nas classificações binárias de gênero, concentrando no corpo as ambigüidades da masculinidade.

Bibliografia

- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *O roteiro de Deus*: dois estudos sobre Guimarães Rosa: São Paulo: Mandarim, 1996.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. 4a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras*: retratos teológico-literários. São Paulo: Loyola, 1999.
- MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras*: teologia e literatura em diálogo. São Paulo : Paulinas, 2000. (Coleção Literatura e teologia)
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão*: veredas. 35a. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- TREVISAN, João Silvério. Eu quero o meu direito de ser anormal. Entrevista a Verena Glass, Marina Amaral, Bárbara Castelo Branco et al. In: SOUZA, Sérgio de (ed.). *Caros Amigos*. São Paulo: Casa Amarela, v. 4, n. 43, p. 30-36, out. 2000.